



**DIZ/TOPIAS: CONSTRUINDO LUGARES DE (R)EXISTÊNCIA NA POESIA
BRASILEIRA DE AUTORIA TRANSVESTIGÊNERE**

***DIZ/TOPIAS: CONSTRUYENDO LUGARES DE (R)EXISTENCIA EN LA POESÍA
BRASILEÑA DE AUTORÍA TRANS***

***DIZ/TOPIAS: BUILDING PLACES OF (R)EXISTENCE IN BRAZILIAN POETRY OF
TRANSGENDER AUTHORSHIP***



Manuela Rodrigues SANTOS¹
e-mail: manurodrigues2512@gmail.com

Como referenciar este artigo:

SANTOS, Manuela Rodrigues. Diz/topias: Construindo lugares de (r)existência na poesia brasileira de autoria transvestigênera. **Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.**, Araraquara, v. 24, n. esp. 1, e023006, 2023. e-ISSN: 2594-8385. DOI: <https://doi.org/10.30715/doxa.v24iesp.1.18176>



| **Submetido em:** 15/02/2023
| **Revisões requeridas em:** 22/04/2023
| **Aprovado em:** 11/06/2023
| **Publicado em:** 01/08/2023

Editor: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Instituto Federal de Sergipe (IFS), São Cristóvão – SE – Brasil. Professora de Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas. Doutorado em Literatura (UnB).

RESUMO: O imaginário e nossas vivências são transformados, pela via da criação literária, em corpo-texto, capaz de construir outros lugares possíveis frente ao impossível da colonialidade. Desse modo, pensamos a poesia de autoria transvestigênera como diz/topias, isto é, a poesia como palavras de ocupar mundos, uma escrita que integra o processo de autorrecuperação e inventa lugares [topias/tropos] para discutir nossa existência e uma resistência concebida como futuro: mundos possíveis de sonho, de afeto, de criatividade, de coletividade. Assim, discutiremos a partir das obras *Mem(orais): poéticas de uma byxa-travesty preta de cortes*, de Luna Souto Ferreira (2019); *Escuiresendo: ontografias poéticas*, de Abigail Campos Leal (2020), *Sal a gosto*, de Esteban Rodrigues (2018) e *Profecia*, de Diana Salu (2022), como suas poéticas inventam novos lugares, diz/topias, capazes de integrar um processo de autorrecuperação e de invenção de espaços outros que possibilitam não só sonhos, lutas e afetos; mas também ir além da dor, consolidando nossos esforços para existir e resistir a esse mundo que nos quer silenciadas e mortas.

PALAVRAS-CHAVE: Poéticas contemporâneas. Literatura de autoria transvestigênera. Utopias queer.

RESUMEN: *El imaginario y nuestras vivencias se transforman, a través de la creación literaria, en un cuerpo-texto, capaz de construir otros lugares posibles frente a los imposibles de la colonialidad. De esta manera, pensamos la poesía de autoría trans como diz/topias, es decir, poesía como palabras para ocupar mundos, una escritura que integra el proceso de autorrecuperación e inventa lugares [topias/tropos] para discutir nuestra existencia y una resistencia concebida como futuro: mundos posibles de sueños, afecto, creatividad, colectividad. Así, discutiremos a partir de las obras Mem(orais): poéticas de una byxa-travesty preta de cortes (2019), de Luna Souto Ferreira; Escuiresendo: ontografias poéticas (2020), de Abigail Campos Leal, Sal a Gosto (2018), de Esteban Rodrigues y Profecia (2022), de Diana Salu, cómo sus poéticas inventan nuevos lugares, diz/topias, capaces de integrar un proceso de la autorecuperación y la invención de otros lugares que posibiliten no sólo sueños, luchas y afectos; pero también para ir más allá del dolor, consolidando nuestros esfuerzos por existir y resistir a este mundo que nos quiere silenciados y muertos.*

PALABRAS CLAVE: Poética contemporánea. Literatura de autoría trans. Utopías queer.

ABSTRACT: *The imaginary and our experiences are transformed, through literary creation, into a body-text, capable of building other possible places in the face of the impossible of coloniality. In this way, we think the poetry of transgender authorship as diz/topias, that is, poetry as words to occupy worlds, a writing that integrates the process of self-recovery and invents places [topias/tropes] to discuss our existence and a resistance conceived as future: possible worlds of dreams, affection, creativity, collectivity. Thus, we will discuss from the works Mem(orais): poéticas de byxa-travesty preta de cortes (2019), by Luna Souto Ferreira; Escuiresendo: ontografias poéticas (2020), by Abigail Campos Leal, Sal a Gosto (2018), by Esteban Rodrigues and Profecia (2022), by Diana Salu, how their poetics invent new places, diz/topias, capable of integrating a process of self-recovery and the invention of other places that make possible not only dreams, struggles and affections; but also to go beyond the pain, consolidating our efforts to exist and resist this world that wants us silenced and dead.*

KEYWORDS: Contemporary poetics. Literature of transgender authorship. Queer utopias.

Introdução

A literatura e a escrita emergem como um modo de potência de criação e, portanto, um ato do corpo e do pensamento, uma vez que estamos acoplados à existência, mais especificamente, a modos de existir que nos preenchem de intensidade. Um arquivo sensível de gestos comprometidos com uma definição de escrita como ato de luta e estratégia de fuga que nos permite estabelecer regimes outros de inteligibilidade, falabilidade e escuta política.

Escrever é crer em si, é acreditar na sua capacidade de comunicar-se por meio de palavras, imagens e representações, é ser capaz de criar a si mesmo como obra de arte, é estar renascendo constantemente, dando à luz a si mesmo por meio do corpo. Desse modo, somos levadas a escrever porque

a escrita me salva dessa complacência que temo. Porque não tenho escolha. Porque preciso manter vivos o espírito de minha revolta e de mim mesma. Porque o mundo que crio na escrita compensa aquilo que o mundo real não me dá. Ao escrever eu organizo o mundo, ponho nele uma alça em que eu posso me segurar. Eu escrevo porque a vida não satisfaz os meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando eu falo, para reescrever as histórias mal escritas que eles contam de mim, de você. Pra ficar mais íntima comigo mesma e contigo. Para me descobrir, pra me preservar, pra me fazer, pra ter autonomia. Pra dissipar os mitos de que sou uma profeta louca ou uma pobre alma sofredora. Pra me convencer de que tenho valor e de que o que tenho a dizer não é um monte de merda. Pra mostrar que eu posso e que eu vou escrever, mesmo que me ameacem para não escrever. E vou escrever sobre os imencionáveis sem me importar com o suspiro ultrajado da censura e do público. E, por fim, eu escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho mais medo ainda de não escrever (ANZALDÚA, 2021, p. 51-52).

A escrita, então, emerge tanto como um ato de reconstrução, de recuperação de si; quanto como um ato de resistência coletiva. Um processo de ressignificação da dor e de construção de conhecimento, edificado em um texto que politiza o Eu, fazendo-se rente ao corpo, um corpo em performance que restaura, expressa e, simultaneamente, faz circular saberes, “saberes trans. A arte trans de curar e se defender. Um saber... avaliado... a partir dos usos que ele apresenta para a vida, para o envivecer” (LEAL, 2021, p. 306). Por isso, Jota Mombaça (2021, p. 26) defende que para

tatear a possibilidade de uma coletividade forjada no movimento improvável do estilhaçamento, vai ser sempre necessário abrir espaço para fluxos de sangue, para as ondas de calor e para a pulsação da ferida. Politizar a ferida, afinal, é um modo de estar juntas na quebra e de encontrar entre os cacos de uma vidraça estilhaçada, um liame impossível, o indício de uma coletividade áspera e improvável. Tem a ver com habitar espaços irrespiráveis, avançar

sobre caminhos instáveis e estar a sós com o desconforto de existir em bando, o desconforto de uma vez juntas, tocarmos a quebra uma das outras.

Assim, o que conseguimos dizer cria outros lugares para existirmos, para ocupar. Constroem-se novos lugares que possibilitam sonhos, lutas, afetos e, principalmente, reorganizam nossa própria narrativa, a própria subjetividade outra passa pela alteridade. Por isso, gosto de pensar a poesia de autoria transvestigênera a partir do que Tatiana Nascimento (2020) chama de Diz/topias, para compreender como a poesia e suas palavras de ocupar mundos integram o processo de autorrecuperação e inventa lugares [topias/tropos] para discutir sua existência e uma resistência ao fabular futuros outros: mundos possíveis de sonhos, de afeto, de criatividade, de utopias.

Com diz Audre Lorde (2019, p. 106), “a poesia não é apenas sonho e imaginação, ela é o esqueleto que estrutura nossa vida. Ela estabelece os alicerces para um futuro de mudanças. A poesia cria a linguagem para expressar e registrar essa demanda revolucionária, a implementação da liberdade”. Além de criar modos outros de coletividade que nos permitem ir além da dor, constituir-se pela palavra, inventar-se e reinventar-se constantemente ao mesmo tempo em que ela emerge como uma ferramenta para conhecermos outras formas de estar no mundo; mais do que isso, formas de reconhecer o estar de outras pessoas no mundo.

Desse modo, que lugares são estes que a poesia de Abigail Campos Leal, Esteban Rodrigues, Luna Souto Ferreira e Diana Salu cria? Que territórios nossas palavras fazem existir e resistir? Vejamos...

Corpografia

e/u tenho rios vermelhos
correndo dentro de mim
que me rasgam a boca
num sorriso sem fim
quando e/u vejo o
reflexo do meu
território no
espelho.

meu abdômen é um
mar-de-morros
maravilhoso y
acidentado,
erodido,
revinado
de estrias.

meu solo é fértil

cheio de horizonte
de a a z,
faz até crescer
floresta de pelos
por todos os lados.
lindos matagais
encrespados,
muitas vezes
des
matados,
mal-amados.

amo meus morretes
de trás,
sua beleza mostra
y seus prazeres anais.
amo meu pico da frente,
ereto y ativo,
ou invertido y atrás
amo também meu picu
(a) mã
que torna meu orí
único e especial.
carrego aqui
uma vasta,
farta,
floresta tropical!
belezas lindas,
paisagens
corporais, fenomenais,
não lógicas,
que nem sempre
e/u sei contemplar
y por vezes me geram
senti
sedi
mentos
fatais.

gosto das minhas
tecni
cidades
suplementadas
minhas próteses com lentes
acopladas.
minhas tintas espalhadas,
pra sempre
na minha pele
assentada.
indo y voltando,
na pendulância
pisciânica,
o estrogênio
me recompondo,

minhas moléculas alterando,
mudando minhas partículas,
invertendo minhas
micropolíticas
afetivas.

amo a geografia invisível
das minhas ondas cerebrais,
que desterritorializam minha mente,
me levam além
de mim.
com elas aprendi a me amar
y desde muito tempo,
da minha solidão não sou
mais refém.

y essa escrita
marca esse momento
do espaço
a regionalização de outros tempos,
em que e/u venho aprendendo
a me amar
por fora y por dentro.

venho reconstruindo
meu território-vida
remodelando
minhas morfologias
corpo-afetivas.
nem geográfica
nem geoide,
minha corpa
é única
sua forma é
bibióide.
(LEAL, 2020, p. 103-107).

Como se pode observar o poema, desde o título, traz à baila as relações entre corpo e escrita nos processos de feitura e desfeitura de si, revelando uma corpografia que surge como uma espécie de cartografia realizada pelo e no corpo por meio da experiência de um eu que já nasce cindido. É importante destacar que a palavra “eu” no poema se encontra dividida por uma barra oblíqua que marca não só a separação de termos que se relacionam, mas também chama a atenção para a ausência de uma integridade ontológica, pois, segundo Butler (2017), o sujeito se forma na dobra do poder sobre si mesmo, isto é, na fronteira entre o que dizem que sou e o que penso que sou. É justamente nesse instante, quando o olhar sobre si mesmo nasce, que o sujeito se consolida como eu. Em outras palavras, “já sou afetada antes de poder dizer ‘eu’ e que, de alguma maneira, tenho de ser afetada para poder dizer ‘eu’” (BUTLER, 2021, p. 18).

É, pois, esse eu cindido desde o nascimento que ganha materialidade no corpo performático, prostético e molecular da era farmacopornográfica. Um corpo vivido, narrado e representado. Não à toa, ele já aparece nas três primeiras estrofes como território, como uma unidade perceptiva viva que passa a mediar a relação da eu-lírica consigo e com o mundo. Tal percepção é sempre a realização de um corpo situado radicalmente no mundo e quando se lança um olhar para ver alguma coisa, a vivência que nasce desse olhar é sempre a partir do lugar onde o corpo está: “e/u vejo o reflexo do meu território no espelho”. Assim, assegura Ahmed (2019, p. 22, tradução nossa),

os corpos podem orientar-se através dessas respostas ao mundo que os rodeia, graças a sua capacidade de ser afetado por ele. Por sua vez, a partir da história dessas respostas, que se acumulam como impressões na pele, os corpos não vivem em espaços que lhes são exteriores, ao contrário, eles lhes dão formas ao viver neles e cobram sua forma ao habitá-los²

Convém destacar que embora a eu-lírica tenha consciência das potencialidades de seu corpo: “meu solo é fértil”, também sabe o quanto sua corporalidade incomoda por estar além das ideias normativas de gênero, sujeito e coletividade, sintetizado na palavra “mal-amados” que encerra a terceira estrofe. Entretanto, é nesse momento que o poema se abre para que ela desenvolva um processo de recuperação de si mesma, de um amor de si que lhe permite construir o sentimento de estar em casa ao habitar aquele corpo em sua multiplicidade.

Um corpo que se faz no que Jota Mombaça chama de quebra, “no movimento abrupto, errático e desordenado do estilhaçamento” (MOMBAÇA, 2021, p. 24). Um corpo que está sempre em obras, que se desterritorializa ao mesmo tempo em que cria estratégias de valorização de si, de autoestima capazes de torná-lo seu lar, torná-lo parte do que se é. Habitá-lo é estar em um território de afetos e desejos onde a aprendizagem do amor de si é um exercício de autorrecuperação, é um ato que exprime uma ética como prática, como modos de ser e existir no mundo.

A escrita, pois, nasce desse corpo-em-processo que, segundo a eu-lírica, é cúmplice de suas travessias rumo a esse amor de si cuja dinâmica de construção, desconstrução e reconstrução faz emergir uma forma singular na multidão de estilhaços que produz a possibilidade de modos outros de existência. Por isso, “o ato de escrever é um ato de fazer alma, uma alquimia. É uma jornada em busca do eu, do cerne do eu” (ANZALDÚA, 2021a, p. 52).

² No original: “Los cuerpos pueden orientarse por medio de esa respuesta al mundo que les rodea, dada su capacidad de ser influenciados por él. A su vez, a partir de la historia de esas respuestas, que se acumulan como impresiones en la piel, los cuerpos no viven en espacios que son exteriores a ellos: más bien los cuerpos les dan forma al vivir en ellos, y cobran su forma al habitarlos” (AHMED, 2019, p. 22)

A corpa emerge como uma forma outra de tornar a vida habitável, enquanto “a escrita é uma ferramenta pra adentrar esses mistérios, mas também nos protege, nos dá uma margem de distância, nos ajuda a sobreviver” (ANZALDÚA, 2021a, p. 53).

Já em Esteban Rodrigues (2018), a poesia emerge como lugar de construção de uma narrativa do “eu” por meio de um eu-lírico que materializa sua experiência de ser e estar no mundo. Em seu poema, ele diz:

é aqui que eu encontro os três infernos que há em mim
eu lembro de me olhar no espelho e não reconhecer
a carcaça já magoada de todos os embates travados
com a vida. limpei o sangue seco misturado com suor,
acaricie as olheiras e toquei os ombros exaustos. eu
lembro desse dia. quando o boxe do banheiro se tornou
apenas um quadrado de vidro onde não deixava a água
vazar e se misturava às lágrimas não mais sofridas e sim
exaustas.

o primeiro dos infernos é a exaustão

era feito arte o simples ato de aceitar o que viesse. de
bom, de ruim, se viesse. o estado exaustivo faz isso, te
deixa a mercê do que aparecer, quando aparecer, se
aparecer. eu ainda estava nesse plano mórbido de não
ter mais carreira e sobreviver, como se isso fosse tão
mais fácil ou prático que viver. houve lutas. um inferno.
à noite quando eu deitava no chão do quarto e sentia o
piso branco frio encostar na minha pele, saía por dois
instantes de mim. um pouco de alívio em um corpo
pesado.

o segundo inferno, mas não menos pesado é o próprio
peso das coisas

nos primeiros dias de um dos últimos meses do ano
que passou eu tomei nota de tudo que sobrecarregava
não só os ombros, mas os olhos e o peito. eu passei a
odiar listas, fiz uma bola amassada com todas as metáforas
que criei para cada uma das coisas que me faziam
chorar a noite no claro. ter medo de escuro era o pior,
não tinha como evitar a vergonha de me ver naquele
estado. de todo mal, eu ainda dava ouvidos. aos outros,
às paranoias, aos outros. era absurdo como as palavras
ou até a falta delas em determinadas circunstâncias me
tiravam um tanto de carne morta e alma. virei acúmulo.

foi aí que eu vi esperança. e a coloquei no posto do
terceiro e pior inferno.

numa das tardes de novembro aquela criança olhou nos
meus olhos e falou comigo. e eu senti que poderia ser o

que sou, que poderia sair à rua, ir aos bares e aos cafés e à NASA se quisesse. explodiu em mim cores que nem sei o nome formando aquarelas inteiras nas paredes do metrô. esperança. ao sair a realidade me deu boas vindas com pedras e tapas. ainda é dor. o mundo ainda é preto e branco. o cinza dos meus olhos é lágrima envelhecida. escondo o rosto e corro.
(RODRIGUES, 2018, p. 42).

As marcas deixadas no corpo diante das lutas cotidianas frente a uma sociedade que o tempo inteiro nega sua existência é o mote que leva o eu-lírico a pensar que o presente vivido é um inferno materializado cotidianamente. Ele sente-se exausto diante de lutas travadas e sempre perdidas. É importante pontuar que o sofrimento e a dor por já estarem impregnados em sua vida, já não o leva a derramar lágrimas. O único sentimento que parece ainda consegue fazê-lo chorar é a exaustão.

Na verdade, o problema é a necessidade de ser sempre forte por ser um homem trans num mundo cisgênero que não o entende. Isso o leva a uma sensação de cansaço diante da impossibilidade de poder sentir-se frágil em algum momento de sua vida. Um cansaço que o reduziu à sobrevivência. Ter um corpo que carrega tantas marcas culturais e que subverte as normas o lança em um espiral de medo, morte, solidão, derrota. A experiência de habitar-se é dolorosa, pois sua existência é sempre presumida como impossível. Por isso, deixar esse corpo pesado, mesmo que por alguns instantes, parece trazer alívio. Escapa-se, numa espécie de liberdade condicional, desse corpo prisão.

No silêncio, as cicatrizes que marcam os corpos transvestigêneres falam, gritam, sentem o peso de existir como um corpo outro transgressor e abjeto. Corpo que a sociedade heterocisnormativa insiste em dizer que não deveria existir. Mas, a grande revolta, a vergonha do eu-lírico não está na compreensão dessa realidade que já é sabida, mas sim na constatação de que os gestos, as palavras, as ações e os olhares dos outros, que o colocam como uma outridade abjeta, ainda tem o poder de feri-lo física e psicologicamente.

Mas então, haveria espaço para a esperança? Num primeiro momento o encontro com uma criança e o seu ato em reconhecê-lo como realmente era o faz vislumbrar as possibilidades de uma existência outra onde possa ser feliz, por isso, seu olhar passa a ver o mundo mais colorido, diferente do preto e branco a que está constantemente inserido. Porém, mais uma vez, as violências sofridas o lembram da precariedade de sua vida. Como na caixa de Pandora, a esperança de outrora torna-se um mal, pois carrega a ideia de um futuro dado como algo impossível, não realizável. O que resta, então, correr, esconder-se e talvez narrar-se em uma ficção poética, através de uma palavra-ação que faça com que os medos que o dominam e

moldam seu silêncio começa a perder o controle sobre ele. O eu-lírico corre na busca de uma autorrecuperação, um processo em que precisa reunir os fragmentos do ser para construir a sua história.

Cor, Pó

Meu corpo.
Meu copo de soco.
Um soco que no saco dói.
Não pelo soco.
Nem pelo saco.
Mas pelo caco de certeza.
A certeza que meu corpo,
se declarado por uma palavra,
poderá ir para o saco.
Fala! Fala sem fala,
com fala, com falo!
Deixe que essa palavra nasça.
E assim, mesmo sem certeza,
sua identidade teça: Byxa, Travesty, Mulher, Preta (?!).
(FERREIRA, 2019, p. 47).

Já em “Cor, Pó”, nota-se que a eu-lírica brinca com diversas palavras por meio das quais chama a atenção para o seu corpo e as violências que o atravessam caso seja declarado inconforme. Se por um lado, traz uma sujeita/sujeito-em-processo cuja única certeza que possui é a consciência de que seu corpo se declarado abjeto poderá ser eliminado; por outro, ela tece quem é, mesmo que essa identidade inicial seja fluida pela ausência das certezas. Porém, reitera-se que é preciso deixar falar, é preciso deixar-se dominar pelos afetos, pela coragem de existir-no-mundo.

Os corpos físicos são, pois, corpos sociais atravessados pelo olhar da diferenciação que define quais corpos são inteligíveis e, por isso, capazes de habitar as vidas vivíveis e aqueles que não o são e cujo destino, muitas vezes, é a aniquilação: “certeza que meu corpo, se declarado por uma palavra, poderá ir para o saco”. Nesse caso, “a ex/istência é invadida, cortada por um dique de lava sufocante, pálida, fantasmal, que toma tudo, cada mísero pedaço de tecido, da vida mesma. é da ordenação colonial da existência que padecemos” (LEAL, 2021, p. 304).

eu trago em meu peito esta profecia
de ser inteireza
que sou em calma, profundidade e desapego
trava sapa brinca com as palavras e busca mover corpo
em caminhar de peso e leveza
em caminhos da vida

trago em meu peito esta profecia de que sou sim inteira

sabendo que inteira sou também o muito que não sei
que inteira sou não sendo uma, tampouco fixa,
assim como tudo que me rodeia

trago em meu peito esta profecia
de que há sim um mundo que nos massacra
que não nos quer vives, inteires, potentes
que nos quer mortes, isolades, solitaries e à disposição de servir
mas que este não é o único mundo
muito menos o mais verdadeiro

eu trago em meu peito esta profecia
de que tudo que precisamos já está aqui conosco
aqui em nós
que não nos falta
não somos falta
somos o encontro do céu com a terra
o sopro do céu
a roupa que a terra vestiu pra passear
- diz Ailton Krenak
que somos uma galáxia de seres e células em abundância
ajuntando-se pela força da vida
que somos ligados por redes muitas e invisíveis
que o indecifrável, o indizível, e o imprevisível
são o Presente
que no menor dos espaços há sempre espaço entre
e que o poder criativo do vazio
está sempre ao nosso lado

eu trago em meu peito esta profecia
que por mais que o mundo nos violente
por mais que a gente nos machuque
que quem amamos nos descuide
que por mais que tenham me ferido
– usado minha abertura para me violar –
sei que sou mais muito mais
do que a soma de minhas dores
– somos mais que a soma de nossas dores –
pois eu sou a vida
– somos a vida –
e me transformo
– nos transformamos –
eu sou mutação
– somos mutação –

e em mim correm muitos rios
de encantamento e paixão
se entrelaçando
também com as águas do medo
e do desencanto
sendo todos em movimento
mesmo quando lento
e profundo

eu trago em meu peito esta profecia
de que a vida é sim presente
de que somos vida
nós somos vida
repita que nós somos vida
que somos vida
que somos vida
mesmo quando morremos

eu trago em meu peito esta profecia
(SALU, 2022, n.p.).

Em seu canto profético, a eu-lírica criada por Diana Salu reitera o quanto somos sujeitas-em-processo, um projeto de corpa transformacional que se abre para o trajeto, para a travessia, compreendida a partir da ideia de se estar sempre atravessando, em movimento, lugar onde não se é; mas se segue sendo, cujo corpo é a plataforma que torna possível a materialidade da fabulação e da imaginação política; bem como a dimensão de apresentação de quem existe, cônica da responsabilidade de que seu ser em eclosão reclama sua própria existência e um sentido para a vida. “uma luta para se reconstruir e curar os sustos produzidos pelas feridas, traumas, racismo e outros atos de violação que dilaceram nossas almas, nos dividem, dissolvem nossas energias e nos assombram” (ANZALDÚA, 2021b, p. 1, tradução nossa)³.

A profecia, de algum modo, anuncia que não se emerge do nada, em uma criação *ex nihilo*, mas de um processo de escolhas através de uma série de encontros, de proposições do ser, do que assimilamos e do que rejeitamos ou ainda, segundo Ahmed (2019), das linhas que nos são impostas ou das políticas de desorientação que nos permitem conexões e contatos outros. Um contato que é “corporal e desestabiliza essa linha que divide os espaços em mundo, criando assim outros tipos de conexões onde podem ocorrer coisas inesperadas” (AHMED, 2019, p. 231, tradução nossa)⁴.

E, como demonstra nossa eu-lírica, essa travessia vital é feita de explorações, descobertas, medos, encontros, cisões, dores e afetos. Rascunho de rotas provisórias, sussurros de possibilidades, a manifestação de nossa potência de ser, existir e resistir no mundo ao mesmo tempo em que construímos uma coletividade que se alimenta do estarmos juntas na quebra, uma força que não é nem a sujeita e nem o mundo, mas atravessa tudo. “Lá, aqui, onde fomos assassinadas, e nos tornamos mais velhas que a morte, mais mortas que mortas, e nesse fundo

³ No original: “una lucha por reconstruirse a una misma y sanar los sustos productos de heridas, traumas, racismo y otros actos de violación que hechan pedazos nuestras almas, nos dividen, disuelven nuestras energías y nos acechan” (ANZALDÚA, 2021b, p. 1).

⁴ No original: “corporal, y desestabiliza esa línea que divide los espacios en mundos, creando así otros tipos de conexiones donde pueden ocurrir cosas inesperadas” (AHMED, 2019, p. 231).

[...], nesse cerne em que fomos colocadas, fecundamos a vida mais-do-que-viva, a vida emaranhada das coisas” (MOMBAÇA, 2021, p. 19). A profecia da eu-lírica realiza-se sob a égide da lucidez: o que ela é, ela o sabe e decide sê-lo, consciente de que é um projeto, um devir-ser, mutações que são o prelúdio da mais profunda transformação: a vida.

Como podemos observar as DIZ/topias de autoria transvestigênera emerge como uma forma como uma forma de acúrlombamento, nos termos propostos por Tatiana Nascimento (2019). Para quem, o cúrlombo, em sua dupla função: resistir e organizar, permite reorganizar nossas próprias narrativas, reinventar sonhos, lutas e futuros, “criar nossas próprias palavras e/ou retomar palavras ancestrais; y com isso permitir que uma comunidade fundamentada na palavra autodeterminada seja criada” (NASCIMENTO, 2019, p. 4).

Assim como a poesia negra LGBTI discutida por Tatiana Nascimento, a poesia de autoria transvestigênera “é uma das pontes mais importantes que temos para recontar e reinventar tanto dessas histórias nossas que foram apagadas, é também uma ferramenta importante que temos pra nos lembrar disso: do futuro” (NASCIMENTO, 2019, p. 8). Com ela aprendemos a reagir à dor; a nos tornar resistência em coletividade para contar nossas narrativas; a falar da dor como estratégia de cura, de tratamento das feridas; a inventar palavras que dão conta de dizer sobre espaços outros, sobre existências e mundos outros possíveis, sobre formas outras de criar coletividade. Uma coletividade que se organiza no que Jota Mombaça chama de estilhaçamento, uma coletividade contingente engendrada no encontro das corpos, na politização das feridas, nos afetos, no estar junto, na quebra.

REFERÊNCIAS

- AHMED, S. **Fenomenología queer**: orientaciones, objetos, otros. Traducción: Javier Sáez Álamo. Barcelona: Ediciones Bellaterra, 2019.
- ANZALDÚA, G. **A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios**. Tradução: Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: A Bolha, 2021a.
- ANZALDÚA, G. **Luz en lo oscuro**. Traducción: Violeta Benialgo y Valeria Kierbel. Buenos Aires: Hekht, 2021b.
- BUTLER, J. **A vida psíquica do poder**: teorias da subjetivação. Tradução: Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- BUTLER, J. **Os sentidos do sujeito**. Tradução: Carla Rodrigues. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- FERREIRA, L. S. **Mem(orais): poéticas de byxa travesty preta sem cortes**. Bragança Paulista: Urutau, 2019.
- LEAL, A. C. **Escuirendo**: ontologias poéticas. Uberlândia, MG: O sexo da palavra, 2020.
- LEAL, A. C. Me curo y me armo estudando: a dimensão terapêutica y bélica do saber prete y trans. In: PELBART, P. P.; FERNANDES, R. M. (org.). **Pandemia Crítica**: outono 2020. São Paulo: N-1 Edições; Edições SESC, 2021.
- LORDE, A. **Irmã outsider**: ensaios e conferências. Tradução: Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- MOMBAÇA, J. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- NASCIMENTO, T. Diz/topias: que territórios criam as línguas da poesia lésbica negra? **Suplemento Pernambuco**, Recife, n. 170, p. 12-17, 2020.
- NASCIMENTO, T. **Cuirlobismo literário**: poesia negra LGBTI desorbitando o paradigma da dor. São Paulo: N-1 Edições, 2019.
- RODRIGUES, E. **Sal a gosto**. Brasília, DF: Padê, 2018.
- SALU, D. Profecias. **Instagram**, 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/diana.salu/>. Acesso em: 18 nov. 2022.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Not applicable.

Financiamento: Not applicable.

Conflitos de interesse: There are no conflicts of interest.

Aprovação ética: Since this is a theoretical study, there was no need for ethical appraisal.

Disponibilidade de dados e material: The data and materials used in the work are available for access upon request with relevant and reasonable justification.

Contribuições dos autores: The author was responsible for the elaboration and execution of the research, analysis and discussion of the results analysis and discussion of the results, as well as the writing and final revision of the text.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.

Revisão, formatação, normalização e tradução.

